

Apresentação

Para este volume de *Convergência Lusíada*, que chega ao seu número 40, foi proposto o tema “Desastres, catástrofes e calamidades”. Quando da eleição deste recorte temático, as organizadoras não poderiam prever quão aguda e dolorosamente atual seria esta edição da revista no momento de sua finalização e publicação. Nos últimos meses, o mundo tem testemunhado uma série de calamidades de variada ordem: da complicação do cenário político que acena com ameaças de graves retrocessos em diversos países; ao rompimento, no Brasil, de uma barragem que cobre de lama tóxica uma cidade, cobrando centenas de vidas, e ameaça matar um rio, repetindo crime anterior; a enchentes que alagam grandes cidades e fazem tombar árvores e casas; a massacres absurdamente rotineiros que aterrorizam comunidades marginalizadas; a incêndios que custam a memória do mundo entre as paredes de um museu e os sonhos de jovens e suas famílias no campo da paixão nacional, as tragédias vêm dominando o nosso cenário cotidiano. Tragédias na acepção precisa do termo: catástrofes que derivam da ação humana seja pela negligência, pela ganância ou pelo despreparo dos poderes públicos e privados, seja pela manipulação de discursos e valores que operam — e deixam em seu rastro escombros e uma terrível consciência de desperdício, o saber que tais “acidentes” poderiam ter sido evitados. Se, no entanto, não nos é concedido retroceder e impedir, cabe aprender com o desastre, ou, como diria Walter Benjamin, responder ao apelo das ruínas: lembrar, velar, fazer jus à história dos vencidos, ao que não é triunfo, mas declínio, fracasso.

A literatura sabe ter essa empatia e muitas vezes se ocupa de representar o irrepresentável. Seja para dar uma forma e algum sentido ao que de outro modo se dissolveria no choque e se desperdiçaria como objeto de saber; seja para prestar testemunho e honrar a memória do que se perdeu; seja para autorizar esquecimentos necessários ou reinventar o passado e seu registro por outra perspectiva, o romance e a poesia fazem de catástrofes — históricas ou fictícias, coletivas ou individuais, públicas ou privadas — o seu tema. No limite de si e de suas potencialidades, a linguagem que se volta ao desastre o incorpora em si mesma de muitos modos: desafiando gêneros, registros e normas, fragmentando-se, violentando linearidade e coerência, desvinculando-se do suposto real e postulando realidades alternativas. Os pesquisadores que colaboraram para este número de *Convergência* dão a ver esse trabalho do literário num conjunto bastante variado de obras e perspectivas, que não apenas enriquecem a fortuna crítica sobre o tema muito amplo do desastre e do testemunho, como respondem a uma premente necessidade humana de consciência crítica e ação, num momento tão desolador.

Paulo Braz aborda o tema da desgraça n’*Os Lusíadas*, a epopeia-réquiem de Camões, que, *na linguagem*, cancela toda possibilidade de salvação transcendental: a graça; e, *pela linguagem*, postula o único heroísmo possível: o canto, como que fundando uma tradição na literatura portuguesa e nas literaturas de língua portuguesa, em que se inserem os textos contemplados nos artigos deste número.

Rodrigo Xavier debruça-se sobre a ideia do fim do mundo e sua recorrência na história da arte e da literatura, para então centrar-se naquela que é a maior catástrofe portuguesa: o apocalíptico Terramoto de Lisboa, ocorrido em 1755, e analisar algumas de suas representações ainda no século XVIII, que transformam o evento em si numa obra de arte. Já Luci Ruas revisita o que ficou conhecido como o mais decisivo desastre histórico de Portugal: a Batalha de Alcácer Quibir, com o desaparecimento de D. Sebastião, e a perda da autonomia política. Esta catástrofe pátria é lida no romance histórico-passional de Camilo Castelo Branco, *O senhor do Paço de Ninães*, que a tematiza encarnando a desgraça coletiva nos corpos do protagonista e de sua casa arruinada.

A ruína e os desastres da guerra são o tema de Marlon Augusto Barbosa, cujo artigo propõe uma atenta leitura do poema ekphrástico “Descrição da Guerra em Guernica”, de Carlos de Oliveira, em diálogo com a tela de Picasso e cenários de repressão e violência que se reeditam na história do ocidente. Ângela Beatriz de Carvalho Faria se detém sobre uma dessas ocorrências: a Guerra Colonial em África e a opressão do regime salazarista, vistos pela perspectiva de mulheres, em obras de Wanda Ramos e Juana Ruas, que trazem à tona uma outra experiência da guerra, modalizada pelo feminino.

Também no contexto da calamidade salazarista, Lucas Laurentino examina os modos do testemunho sob censura, lendo a correspondência de Jorge de Sena e Sophia de Mello Breyner Andresen, descobrindo nos escritos do gênero epistolar uma série de relações com a obra poética dos autores portugueses.

No espaço brasileiro, também ditatorial, Maria Lucia Guimarães de Faria propõe uma leitura minuciosa do romance *Avalovara*, de Osman Lins, destacando a intrincada relação entre ética e estética que o caracteriza: forma revolucionária, combativa e libertária num tempo de coerção.

Por fim, Licia Matos se confronta com o desastre — para o bem e para o mal — do esquecimento, ao acompanhar a trajetória de declínio de um personagem do romance *Os memoráveis*, de Lídia Jorge. Na mudança do herói algo mítico da Revolução dos Cravos no homem envelhecido e decadente de trinta anos depois, corporifica-se a decadência portuguesa, que faz questionar a narrativa triunfante de Abril e repensar uma ética da memória: que não seja aquela dos poderosos e suas narrativas mestras, mas a dos vencidos, com suas pequenas histórias, seus pequenos e valiosos saberes, suas ruínas que podem revirar impérios.

Que saibamos, nós leitores, aprender com os textos aqui contemplados e reconhecer no seu trabalho de linguagem, na sua estética profundamente comprometida com a ética, aquela “frágil força messiânica” de que falava Benjamin, capaz de promover um encontro da nossa geração com as que a precederam — e acrescentamos: da nossa tão perdida geração consigo mesma — num apelo à redenção que não surgirá da névoa, seja do areal ou de Brumadinho, mas que pode se inscrever nas páginas de um livro.

Mônica Fagundes e Vanessa Ribeiro